



FOLHA DOMINICAL

Domingo XXIX do Tempo Comum

Primeira Leitura (Is 53, 10-11)

Aproveite ao Senhor esmagar o seu servo pelo sofrimento. Mas, se oferecer a sua vida como sacrifício de expiação, terá uma descendência duradoira, viverá longos dias, e a obra do Senhor prosperará em suas mãos. Terminados os sofrimentos, verá a luz e ficará saciado na sua sabedoria. O justo, meu servo, justificará a muitos e tomará sobre si as suas iniquidades.

Estes versículos situam-se no final de um dos cânticos do servo (Is 52,13–53,12), onde se descreve a sua origem e aparência, os sofrimentos que suportou e a sua heróica submissão à morte. Este final apresenta a garantia de sucesso definitivo perante as provas vividas. A afirmação de que «carregou com os crimes de muitos» aparece ao longo de todo o poema. Com ela, indica-se que, por alguma razão misteriosa, Deus desviou para ele os males que deveriam ter recaído sobre o povo. Através disto, questiona-se o modo de pensar da época, segundo o qual a desgraça e a doença de uma pessoa eram sinais do seu fracasso moral. Isto é substituído por uma nova intuição, que liga a angústia ao fracasso de toda a comunidade. A amplitude do sofrimento do servo é expressa através do vocabulário do sacrifício. A frase «entregou a sua vida como expiação» remete para a função da oferta no ritual de reparação, onde os pecados daqueles que realizavam o sacrifício desapareciam com a morte do animal que era imprescindível oferecer. Mas aqui, a morte do servo não equivale simplesmente a isso. Os seus sofrimentos só podem ser compreendidos no âmbito do desígnio de Deus; um desígnio que será cumprido. Esconde um paradoxo: o servo morreu, mas terá descendência, a sua vida será prolongada, verá a luz e ficará satisfeito. Pode haver aqui uma referência ao facto de que a sua missão será continuada pelos seus discípulos.

Segunda Leitura (Heb 4, 14-16)

Irmãos: Tendo nós um sumo sacerdote que penetrou os Céus, Jesus, Filho de Deus, permaneçamos firmes na profissão da nossa fé. Na verdade, nós não temos um sumo sacerdote incapaz de se compadecer das nossas fraquezas. Pelo contrário, Ele mesmo foi provado em tudo, à nossa semelhança, exceto no pecado. Vamos, portanto, cheios de confiança ao trono da graça, a fim de alcançarmos misericórdia e obtermos a graça de um auxílio oportuno.

Embora se tenha aludido a isso em passagens anteriores, aqui Jesus é designado pela primeira vez na Carta aos Hebreus como o nosso «sumo sacerdote». No entanto, esta afirmação não tem tanto uma intenção dogmática, mas sim exortativa. Sustenta e motiva o convite que o autor dirige aos seus destinatários para que permaneçam firmes na fé. Perante a possível objeção de que ele seja um sumo sacerdote demasiado distante, o autor sublinha, a seguir, uma característica própria de todo sumo sacerdote (cf. 2,17-18): é misericordioso. Mas, em vez de relacionar esta qualidade com a sua glorificação, relaciona-a com a sua paixão. Esta é enunciada de três maneiras diferentes: compadeceu-se das nossas fraquezas; «à nossa semelhança», experimentou-as todas (menos o pecado); e pode alcançar-nos misericórdia. Esta realidade é oferecida como motivação para uma atitude dinâmica: «aproximemo-nos com confiança do trono da graça», o que complementa a atitude anterior, de caráter mais estático. O «trono da graça» refere-se ao trono de Deus, algo que representa uma mudança em relação à religiosidade do Antigo Testamento, onde era proibido aproximar-se. Este acesso confiante a Deus foi assegurado por Jesus.

Evangelho (Mc 10, 35-45)

Naquele tempo, Tiago e João, filhos de Zebedeu, aproximaram-se de Jesus e disseram-Lhe: «Mestre, nós queremos que nos faças o que Te vamos pedir». Jesus respondeu-lhes: «Que quereis que vos faça?». Eles responderam: «Concede-nos que, na tua glória, nos sentemos um à tua direita e outro à tua esquerda». Disse-lhes Jesus: «Não sabeis o que pedis. Podeis beber o cálice que Eu vou beber e receber o batismo com que Eu vou ser batizado?». Eles responderam-Lhe: «Podemos». Então Jesus disse-lhes: «Bebereis o cálice que Eu vou beber e sereis batizados com o batismo com que Eu vou ser batizado. Mas sentar-se à minha direita ou à minha esquerda não Me pertence a Mim concedê-lo; é para aqueles a quem está reservado». Os outros dez, ouvindo isto, começaram a indignar-se contra Tiago e João. Jesus chamou-os e disse-lhes: «Sabeis que os que são considerados como chefes das nações exercem domínio sobre elas e os grandes fazem sentir sobre elas o seu poder. Não deve ser assim entre vós: quem entre vós quiser tornar-se grande, será vosso servo, e quem quiser entre vós ser o primeiro, será escravo de todos; porque o Filho do homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a vida pela redenção de todos».

A cena situa-se após a terceira predição da paixão (10,33-34). Reflete a ambição de poder de Tiago e João, mesmo perante o sofrimento que sabem estar próximo. Por sua vez, o desagrado dos outros dez com eles esconde o mesmo: o desejo de se engrandecerem. A postura de uns e de outros é respondida duas vezes por Jesus: recordando-lhes que não está na sua mão conceder privilégios e afirmando que o caminho para a glória é o serviço. Assim, Jesus inverte a forma como o prestígio é medido e define a estranha natureza da verdadeira grandeza, afastada de qualquer aspiração ao poder convencional. Embora a ideia tenha surgido anteriormente no evangelho, aqui está mais radicalizada, representada

através de vocábulos relacionados com a escravidão. Jesus convida os seus a assumirem esta condição e proclama-a, paradoxalmente, como o caminho para a glória. A justificação surge na última frase, através de um dito sobre o «Filho do homem». Nela, alude-se indiretamente à figura do servo de Yahvé (Is 52–53), que se funde com a de Jesus e se encontra no pano de fundo deste episódio. A imagem do «resgate» remete metaforicamente o objetivo salvífico da sua morte ao pagamento do preço por um escravo. No contexto de Isaías, trata-se de um sofrimento vicário inserido num quadro de exaltação final. Além disso, o servo ilumina os outros com a sua luz e inverte o destino que pesava sobre eles.

Deus nas letras humanas

Toda a natureza é um serviço.

Serve a nuvem, serve o vento, serve a chuva.

Onde haja uma árvore para plantar, plante-a;

Onde haja um erro para corrigir, corrige-o;

Onde haja um trabalho e todos se esquivam, aceita-o.

Sê o que remove a pedra do caminho,

O ódio entre os corações e as dificuldades do problema.

Há a alegria de ser puro e a de ser justo;

mas (há, sobretudo, a maravilhosa, a imensa alegria de servir.

Que triste seria o mundo, se tudo se encontrasse feito,

se não existisse uma roseira para plantar, uma obra a se iniciar!

Não caias no erro de que somente há mérito

nos grandes trabalhos;

há pequenos serviços que são bons serviços:

adornar uma mesa, arrumar os teus livros, pentear uma criança.

Aquele é o que critica; este é o que destrói; seja você o que serve.

O servir não é faina de seres inferiores,

Deus que dá os frutos e a luz, serve.

Seu nome é: AQUELE QUE SERVE!

Ele tem os olhos fixos em nossas mãos

e nos pergunta cada dia: Serviste hoje? A quem?

À árvore? Ao teu irmão? À tua mãe?

Gabriela Mistral

Avisos Paroquiais | 20 a 27 de outubro

20 | XXIX Domingo do Tempo Comum

Ofertório para as missões

21 | Encontro com a Pastoral familiar | 21:30

22 | Encontro com os responsáveis pela Pastoral Juvenil | 21:30

23 | Recolecção sobre o Ano Jubilar | 21:30

24 | Plenário do Conselho Paroquial de Pastoral | 21:30

25 | Encontro com os pais das crianças que estão no primeiro ano de catequese | 21:30

26 | Visita guiada à Capela de Santa Maria Maior | 16:30

Concerto sons do património na Igreja Matriz | 21:30

27 | XXX Domingo do Tempo Comum

Compromisso dos Acólitos na Eucaristia | 11:00